

PAUL STRATHERN

SANTO AGOSTINHO

.....

em 90 minutos



JORGE ZAHAR EDITOR

SOBRE ESSE LANÇAMENTO



Esse ebook é a versão oficial, vendida nas livrarias virtuais brasileiras. Nada nele foi modificado, exceto a adição desse arquivo e a quebra do DRM, tornando-o acessível a todos.

As editoras e livrarias brasileiras continuam fazendo pouco caso dos leitores brasileiros, cobrando preços altíssimos pelos ebooks lançados, que muitas vezes superam inclusive o preço da versão impressa.

Elas também atrasam propositalmente o lançamento de ebooks no Brasil, em até um ano em relação ao livro impresso, com o intuito de nos forçarem a adquirir a versão impressa, tentando dessa forma dificultar e atrasar o avanço da era da leitura digital no Brasil.

Outro ponto que questionamos é a falta de interesse em lançar versões digitais de obras mais antigas, nos deixando presos apenas a novos lançamentos, livros de domínio público ou então obras de pouca expressão, logo, muito mais baratas de serem licenciadas.

Por fim, porém não menos importante, questionamos a péssima qualidade dos ebooks lançados no Brasil. Muitos deles, apesar do preço altíssimo, tem péssima formatação, erros de parágrafo e grafia, onde se percebe claramente um trabalho feito às pressas, com pouco ou nenhum cuidado com a pós-produção.

Enquanto as editoras e livrarias brasileiras não passarem a tratar o consumidor brasileiro com respeito e seriedade, nós os Anonymous estaremos aqui, trazendo livros novos e antigos, com qualidade e de graça, fazendo o trabalho que caberiam às editoras.



*Nós somos Anonymous.
Nós somos Legião.
Nós não perdoamos.
Nós não esquecemos.
Nos aguardem.*

FILÓS OF OS

em 90 minutos

.....

por Paul Strathern

Aristóteles em 90 minutos
Berkeley em 90 minutos
Bertrand Russell em 90 minutos
Confúcio em 90 minutos
Derrida em 90 minutos
Descartes em 90 minutos
Foucault em 90 minutos
Hegel em 90 minutos
Heidegger em 90 minutos
Hume em 90 minutos
Kant em 90 minutos
Kierkegaard em 90 minutos
Leibniz em 90 minutos
Locke em 90 minutos
Maquiavel em 90 minutos
Marx em 90 minutos
Nietzsche em 90 minutos
Platão em 90 minutos
Rousseau em 90 minutos
Santo Agostinho em 90 minutos
São Tomás de Aquino em 90 minutos
Sartre em 90 minutos
Schopenhauer em 90 minutos
Sócrates em 90 minutos
Spinoza em 90 minutos
Wittgenstein em 90 minutos

SANTO AGOSTINHO
(354-430)
em 90 minutos

Paul Strathern

Tradução:
Maria Helena Geordane

Consultoria:
Danilo Marcondes
Professor-titular do
Depto de Filosofia, PUC-Rio



SUMÁRIO

.....

[Sobre o autor](#)

[Introdução](#)

[Vida e obra](#)

[Depois de Santo Agostinho](#)

[Citações-chave](#)

[Cronologia de datas significativas da filosofia](#)

[Cronologia da vida de Santo Agostinho](#)

[Cronologia da época de Santo Agostinho](#)

[Leituras sugeridas](#)

[Índice remissivo](#)

SOBRE O AUTOR

.....

PAUL STRATHERN foi professor universitário de filosofia e matemática na Kingston University e é autor das séries “Filósofos em 90 minutos”, traduzida em mais de oito países, e a mais recente “Cientistas em 90 minutos”. Escreveu cinco romances (entre eles *A Season in Abyssinia*, ganhador do Prêmio Somerset Maugham), além de biografias e livros de história e de viagens. Foi também jornalista *free-lance*, colaborando para o *Observer*, o *Daily Telegraph* e o *Irish Times*. Tem uma filha e mora em Londres.

INTRODUÇÃO

.....

A época áurea da filosofia terminou com a morte de Aristóteles em 322 a.C. A argumentação coerente que até então vigorava degenerou, na maioria das vezes, em atitude ou comentário. No que se refere às atitudes, havia dois tipos principais. Sendo os tempos como eram, nenhum deles era otimista.

A filosofia estóica foi desenvolvida por Zenão de Cício, que nasceu no início do século III a.C. em Chipre. Zenão era um capitalista de sucesso até perder todos os seus bens num naufrágio. Ele foi imediatamente atraído pelo cínicos, que acreditavam que os bens materiais não tinham importância alguma. Zenão transformou essa atitude em filosofia própria, que denominou estóica, palavra que vem de *stoá*, um pórtico em Atenas onde ensinava. Zenão defendia uma atitude estóica diante da vida e sustentava que os homens se dividiam em duas categorias. O primeiro grupo (estóicos no sentido mais radical) é formado pelos sábios, que são indiferentes a tudo, exceto à sua própria sabedoria. Os outros são os tolos.

Para os estóicos, sabedoria significava renunciar às paixões e viver uma vida virtuosa, o que implicava autocontrole, firmeza diante da adversidade e comportamento justo.

A filosofia estóica desenvolveu-se ao longo dos séculos e tornou-se finalmente um grande sucesso em Roma, em particular entre aquelas parcelas desiludidas das classes superiores que tinham de suportar os caprichos de imperadores recalcitrantes. O trágico Sêneca chegou a tentar ensinar o estoicismo a Nero, mas o temperamento do imperador revelou-se inadequado a essa filosofia.

No século II d.C., o estoicismo foi finalmente adotado pelo imperador Marco Aurélio, que escreveu algumas meditações pomposas e banais sobre o assunto durante sua longa campanha contra os bárbaros transdanubianos.

Outras atitudes filosóficas semelhantes deram origem aos já mencionados cínicos e aos céticos, que acreditavam que nada sabiam, mas que não viam nenhuma contradição em ensinar isso.

Mas a atitude mais importante além do estoicismo foi a adotada por Epicuro, nascido em meados do século IV a.C., provavelmente em Samos. No final da

vida, Epicuro estabeleceu-se em Atenas e fundou uma comunidade que vivia em seu jardim e seguia sua filosofia, que ficou conhecida como epicurismo e era em muitos aspectos o oposto do estoicismo. Enquanto os estóicos renunciavam a todo prazer, os epicuristas acreditavam em viver plenamente a vida. Mas o próprio Epicuro acreditava que viver plenamente a vida significava viver uma vida extremamente simples – sobrevivendo a pão e água, e talvez um pouco de queijo nos dias de festa. Seu objetivo (e inicialmente o de sua filosofia) era alcançar uma vida isenta de todas as dores. Sexo, embriaguez, ambição de qualquer espécie e em geral a vida abastada tinham como consequência dores de cabeça, ressacas e desapontamentos. Tudo isso era penoso, e portanto era melhor evitar suas causas. Os romanos, que não tinham sensibilidade para esses aspectos mais refinados da filosofia, avidamente adotaram o epicurismo, mas insistiram em sua própria idéia de uma vida plena, que implicava muito mais que pão e água. Dessa forma, o epicurismo foi corrompido, adquirindo as conotações auto-indulgentes que guarda até hoje.

Quase todos os demais filósofos desse período se dedicaram às obras de seus grandes antecessores. Suas atividades consistiam geralmente em comentar, analisar, elaborar e sofismar. À frente desses críticos sem originalidade estavam seguidores de Pitágoras e Platão. Desses últimos, o maior foi Plotino, que desenvolveu a tendência religiosa do platonismo e incorporou vários traços metafísicos. No final, mal se podia reconhecer sua filosofia como platonismo, razão pela qual foi denominada neoplatonismo.

O acontecimento intelectual mais importante dos primeiros séculos da era cristã foi a disseminação do cristianismo, que se opôs a qualquer filosofia séria até a chegada de Santo Agostinho.

VIDA E OBRA

.....

“Fui até Cartago, onde me encontrei no meio de um sibilante caldeirão de lascívia. Enlouqueci de luxúria, as coisas abomináveis que fiz: depravação grosseira, um excesso dos prazeres do inferno. Desejo carnal como pântano borbulhante e sexo viril brotavam em mim, exsudando névoas...” Santo Agostinho era um maníaco sexual. Ou assim nos faria acreditar. Suas famosas *Confissões* contêm páginas e páginas de autopenitência, por ele ser o “mais vil escravo das paixões perniciosas” e por se entregar à “imundície da libertinagem”. Mas o leitor que vira as páginas ansioso por exemplos reais “dessa louca devassidão” não encontra mais que uma crescente decepção. Ficamos, então, sem saber exatamente o que Agostinho pretendia nas ruas do pecado de Cartago. Minha impressão é de que não era muito mais do que as habituais escapadelas dos estudantes.

Não se pode negar, porém, que Agostinho tinha problemas com sexo. Ele tinha um forte impulso sexual, e provavelmente gostava de sexo quando efetivamente o fazia. Mas também desejava ardentemente permanecer casto. Algumas sessões com um analista compreensivo teriam provavelmente minorado o problema – mas isso teria privado a filosofia de seu maior expoente em quase mil e quinhentos anos. Quando Santo Agostinho surgiu em cena, tinham-se passado seiscentos anos desde a morte de Aristóteles; depois que Santo Agostinho morreu, aproximadamente outros oitocentos anos transcorreram antes do surgimento de Tomás de Aquino.

Agostinho nasceu em 354 d.C., na pequena cidade de Tagasta, província romana da Numídia (atualmente Souk-Ahras, no interior do nordeste da Argélia). Seus pais eram aparentemente um casal classe média e pinguço. Mas seu pai beberão, Patrício, desenvolveu sintomas alcoólicos de desintegração emocional sob a forma de perversão obsessiva e surtos de violência. Em decorrência disso, a mãe de Santo Agostinho, Mônica, voltou-se para a religião, repudiou o líquido pecaminoso e transformou suas frustrações e desapontamentos em ambições para o filho.

Sabemos bastante a respeito da juventude de Agostinho, graças às descrições

contidas nas *Confissões*. Desde o início, Mônica parece tê-lo oprimido, embora em nenhum momento ele ouse uma palavra contra ela, cujo cristianismo extravagante e puritano perpassa o livro desde a primeira página. “Quem irá me lembrar os pecados que cometi quando bebê?”, indaga-se Santo Agostinho, penitenciando-se por chorar pelo leite da mãe. “Eu era de fato um grande pecador”, comenta ele, sem ironia, a respeito de seu desgosto em relação às aulas.

Mais tarde, já adolescente, ele realmente sai da linha. Junto com colegas de escola, rouba os frutos de uma pereira. Como resultado dessa vil iniquidade, entrega-se a uma orgia de autoflagelo que continua até o final do capítulo (“alma sórdida expulsa do firmamento ... para as profundezas do abismo” etc.). E prossegue dessa forma por outros seis capítulos antes de concluir: “Conseguirá alguém desenredar esse retorcido entrelaçamento de nós? Eu estremeço ao olhar para isso ou pensar em tal abominação.” Mas afinal o que quer dizer tudo isso? Leitores com propensão à psicologia talvez encontrem traços simbólicos no jovem rapaz “derrubando o fruto da árvore”, mas essa explicação seria superficial e pouco informativa. A verdadeira vilã da história era definitivamente mamãe.

Não há dúvida de que Mônica guiava a vida doméstica da família. Ela chegou inclusive a convencer o desafortunado Patrício a se converter ao cristianismo, provavelmente durante uma crise de remorso pelo alcoolismo, no ano anterior à sua morte. E quando se tornou claro que o jovem Agostinho havia herdado alguns dos inconfessáveis hábitos do pai, ele foi banido de casa. Mas por pouco tempo: Mônica não admitia tê-lo fora de suas garras.

Nesse ínterim, Agostinho continuava pelejando com seu Problema. Desesperado, algumas vezes chegou mesmo a voltar-se para Deus, implorando-Lhe, tocante, “Senhor, dai-me a castidade – mas não ainda.” Ele não queria que Deus “me curasse cedo demais da doença da luxúria, que eu desejava satisfeita, não subjugada.”

Agostinho era um garoto extremamente brilhante, e Mônica tinha grandes planos para ele. Antes de morrer, Patrício havia juntado dinheiro suficiente para que o filho continuasse sua educação em Cartago. Aí, longe da mãe, Agostinho viveu inúmeras experiências nos bordéis e desenvolveu o gosto pelo teatro (posteriormente descrito nas *Confissões* como “uma sarna repugnante, que incha e supura com medonho pus. Que delírio miserável!”). Mais tarde, foi viver com uma mulher, com quem partilhou uma longa relação de amor e fidelidade. Ela chegou inclusive a, “acidentalmente”, dar-lhe um filho. (Nada é dito contra ela, pessoalmente, nas *Confissões*; o que o perturbou foi o que eles reiterada e prazerosamente faziam juntos.)

Mas Agostinho não era apenas um pedante que cultivava um problema; o desassossego que (supostamente) o conduziu a tais extremos de lascívia e de degradação (puramente literária) também o guiou em direção à descoberta da verdade sobre si mesmo. Qual a razão desse comportamento? Como ele podia ser tão completa e mesquinhamente vil e corrompido e, ao mesmo tempo, aspirar com a mesma intensidade à pureza?

A psicologia que poderia tê-lo enquadrado na mais completa normalidade não estava disponível ainda, e o cristianismo que lhe era oferecido pela mãe parecia demasiado simples para satisfazer seu intelecto exigente. Agostinho precisava de uma explicação convincente para sua condição, uma explicação que fosse suficientemente profunda para que ele pudesse acreditar nela. Começou a ler Cícero e passou a se interessar pela filosofia. Foi Cícero, um membro da Academia de Platão, quem lhe ensinou a difícil tarefa de pensar adequadamente. Mas Cícero não oferecia uma solução.

Agostinho encontrou o que buscava no maniqueísmo, uma seita próxima do cristianismo, fundada um século antes por um persa chamado Maniqueu, que declarara ser o Espírito Santo e terminara crucificado por adoradores do fogo. O maniqueísmo era essencialmente dualista em sua essência, e seus adeptos acreditavam que o mundo era produto do conflito entre o Bem e o Mal (ou Luz e Trevas). A alma do homem consistia em luz enredada em trevas das quais devia procurar se libertar. Era uma crença feita sob medida para Agostinho em seu atual estado, ainda que tivesse sido proscrita como heresia pela Igreja cristã. Agostinho adotou o maniqueísmo de braços abertos.

Sua mãe não ficou satisfeita quando ele voltou para casa após quatro anos de estudo em Cartago. Ela podia até aceitar a amante e o filho (cuidaria disso mais tarde), mas não o maniqueísmo. Isso oprimiu seu coração, e ela não via por que esconder este fato. Enquanto isso, Agostinho agora com vinte anos, começou a ensinar retórica em sua cidade natal e a se interessar por astronomia. Porém era ainda ambicioso, e um ano mais tarde retornou a Cartago, onde trabalhou na universidade como professor visitante. Infelizmente, os tempos estavam mudando, e os alunos se tornavam incontroláveis. Os problemas de disciplina chegaram a tal ponto que era impossível lecionar, e Agostinho decidiu partir para Roma com a amante e o filho pequeno, a fim de procurar trabalho.

Por essa época, Agostinho começou a questionar intelectualmente o maniqueísmo. As últimas descobertas da astronomia não batiam com as explicações mitológicas dos céus apresentadas pelos maniqueístas. Recebeu a visita do bispo Fausto, o sábio maniqueísta, e juntos discutiram essas questões. No final, porém, o bondoso bispo viu-se forçado a admitir que não tinha resposta para esses problemas, o que deixou Agostinho pensativo.

Sua mãe não aprovava a viagem para Roma e foi até Cartago para lhe dizer. Antes de o barco partir, houve uma cena no cais, com Mônica “agarrada em mim com toda a força, na esperança de que eu voltasse para casa ou a levasse comigo”. Agostinho finalmente convenceu-a de que o barco não partiria antes da manhã seguinte e ela então saiu para visitar um templo a São Cipriano que havia nas vizinhanças. Ele então partiu secretamente, protegido pela escuridão, “deixando-a só, com suas orações e suas lágrimas”.

Em Roma, continuou a conviver com maniqueístas. Apesar de suas dúvidas, permanecia adepto da doutrina de que não somos nós que pecamos, mas sim alguma outra natureza obscura, que nos enreda a alma. Continuou a dar aulas, e em um ano seu brilho intelectual se tornara evidente. Foi-lhe oferecido o cargo de professor de retórica em Milão.

Milão acabara de substituir Roma como capital administrativa do Império Romano, que se encontrava no processo de cisma entre suas metades oriental e ocidental. O Império entrava num dos períodos mais bizarros de seu longo declínio, com o coroamento de imperadores adolescentes e coisas do gênero. (O exército recentemente se superara ao proclamar um menino de quatro anos imperador, mas esse exemplo de inteligência militar fora polidamente desconsiderado; um adulto degenerado fora colocado temporariamente em seu lugar.) O então imperador residia em Milão, mas a figura mais influente da cidade era o bispo – mais tarde Santo – Ambrósio. Seu poder era tão grande que havia ordenado ao imperador Teodósio que pagasse uma penitência por ter provocado um massacre em Tessalônica.

Ambrósio era um dos espíritos mais brilhantes da cristandade e seus sermões atraíam enormes audiências. Agostinho foi ouvi-lo e de imediato se libertou de dois preconceitos que cultivava em relação ao cristianismo: constatou que essa religião *podia* ser abraçada por alguém intelectualmente mais capaz; e comprovou também que a Bíblia era um livro mais profundo do que ele acreditava ser, e que nem sempre devia ser interpretado ao pé da letra.

Um ano após a chegada de Agostinho a Milão, sua mãe finalmente alcançou-o. Ele agora podia garantir a Mônica que não era mais um maniqueísta; porém, não chegava a ser um cristão. Ainda tinha grandes ambições no que dizia respeito a “fama, dinheiro e casamento”. Mônica parece ter sido totalmente favorável a isso e logo o convenceu de que era hora de encontrar uma esposa adequada. Selecionou-se então uma jovem de boa família e eles ficaram noivos, embora ela fosse tão nova que teriam de esperar dois anos para se casar legalmente. Mas havia um preço a ser pago por tudo isso. “A mulher com quem estivera vivendo [por mais de doze anos] foi tirada do meu lado por ser um obstáculo a meu casamento e esse golpe feriu meu coração até que sangrasse,

uma vez que eu lhe queria muito bem.” A amante de Agostinho – que permanece sem nome ao longo das *Confissões* – viu-se obrigada a deixar o filho com ele e foi enviada de volta à África “jurando nunca mais entregar-se a outro homem”. (Essa última observação é geralmente interpretada como símbolo de seu eterno amor por Agostinho, embora as mulheres possam julgá-la de outro modo.) Agostinho logo achou a perspectiva de uma espera de dois anos até o casamento insuportável e arrumou outra amante – embora tenha continuado “devastado” pela perda da primeira.

Mais do que nunca Agostinho se via agora atormentado pelo “problema do mal”. Já não conseguia acreditar nos maniqueístas, principalmente por conta de sua inferioridade intelectual. Eles pareciam incapazes de responder a suas perguntas sobre astronomia ou explicar o problema de seu incontrolável impulso sexual. Contudo, parecia não haver alternativa à sua interpretação dualística do mundo. A alma de Luz que residia dentro dele continuava irremediavelmente presa das Trevas, fora de seu controle. A própria noção de dualismo, no entanto, parecia-lhe cada vez mais inaceitável. E então descobriu a obra de Plotino.

Plotino nasceu em Alexandria no começo do século III d.C. Como muitos críticos perspicazes, acreditava que compreendia o que lia melhor que o próprio autor. Assim, estava convencido de que entendia a filosofia de Platão muito melhor que seu próprio criador. Na tentativa de explicar o que Platão de fato quisera dizer, transformou suas teorias no que passou a ser conhecido como neoplatonismo. Plotino acrescentou à teoria de Platão um verdadeiro coquetel de aspectos das idéias de Pitágoras, Aristóteles e os estóicos, acrescentando ainda uma pitada mística pessoal.

Assim como Platão, os neoplatônicos viam a realidade última e o bem como transcendentais. A realidade maior era o Uno. Tudo emanava dessa unidade numa ordem descendente de realidade, valor e integração. O mal era oriundo da matéria indistinta presente na base dessa escala, no ponto mais distante do Uno. Isso significava que não era necessário qualquer dualismo para descrever a natureza do mal, conforme exigiam os maniqueístas. Para os neoplatônicos, o mal era simplesmente a ausência do bem. Era o objeto mais afastado da realidade maior do Uno e, conseqüentemente, a menos verdadeira de todas as coisas. Aí estava a resposta ao dualismo inaceitável de Agostinho, uma resposta que resolvia de uma vez por todas o problema do mal (que quase não existia).

Nesse estágio de desenvolvimento, o neoplatonismo se assemelhava em muitos aspectos a uma versão filosófica do cristianismo, mas sem um Deus cristão. Durante todo esse tempo, Agostinho se aproximava cada vez mais do cristianismo de sua mãe; numa tentativa de descobrir o caminho para a verdade, chegou mesmo a iniciar a leitura das Epístolas de São Paulo. Mas ainda não se

sentia capaz de dar o passo definitivo.

Por volta de agosto de 386 d.C., essa crise espiritual deixou-o à beira de uma estafa mental. Um dia, perturbado pela raiva e pela angústia por seu estado de indecisão, buscou alívio na quietude de seu jardim. Por um tempo, puxou violentamente os cabelos e bateu em sua testa com os punhos. Enfim, atirou-se sob uma figueira e chorou copiosamente. Foi então que, aos poucos, foi prestando atenção à voz cadenciada de uma criança numa casa vizinha cantando “*Tolle, lege. Tolle, lege*” (Pegue, e leia). De início, pensou que o canto da criança fizesse parte de algum jogo, quando de súbito compreendeu que “aquilo só podia ser uma ordem divina para abrir meu livro das Escrituras e ler as primeiras linhas em que meus olhos batessem”. Imediatamente parou de soluçar, levantou-se e correu até a cópia das Epístolas de São Paulo, que deixara em um banco próximo. Pegou o livro, abriu-o e leu as primeiras palavras que viu: “... não na orgia e na embriaguez, não na luxúria e na lascívia, não na disputa e na inveja. Ao invés disso, tome a si o Senhor Jesus Cristo e não se demore mais pensando na carne, a fim de saciar seus desejos.” Agostinho fora convertido. Voltou para casa e contou à mãe o que tinha acontecido – e ela se encheu de alegria.

Durante séculos, muitos cristãos consideraram a conversão de Agostinho ao cristianismo um milagre, mas vale a pena ressaltar que, prestando atenção às Epístolas de São Paulo, a voz de Deus não tem muita opção senão falar em termos cristãos. Tivesse Agostinho examinado os *Upanishads* ou o Livro Egípcio dos Mortos, talvez tivesse se deparado com uma passagem muito similar que o exortasse a se tornar um hindu ou a adorar o Deus Sol Rá.

Agostinho se demitiu do cargo de professor e desistiu da idéia de se casar. No sábado anterior à Páscoa de 387, ele e seu filho Adeodato foram batizados por Ambrósio em Milão. Agostinho e a mãe decidiram em seguida retornar à Numídia. Quando estavam prestes a embarcar no porto de Óstia, Mônica contraiu uma febre. Agostinho fez o que pôde cuidando dela, mas sua missão tinha sido concluída e ela morreu.

Anos mais tarde Mônica foi canonizada, sendo hoje a padroeira das mulheres casadas. Seus restos sagrados foram transferidos para Roma, onde jazem – adequadamente – na Igreja de Sant’Agostino. Ela é mais lembrada hoje pelo nome de um tranquilo subúrbio à beira-mar em Los Angeles, cuja população por certo não teria seu comportamento aprovado por ela. A morte de Santa Mônica encerra a parte narrativa das *Confissões*, que Agostinho escreveria uma década mais tarde.

Agostinho voltou para a África e para sua casa em Tagasta, acompanhado de diversos amigos devotos. Aí estabeleceram uma comunidade para viver uma vida monástica, e Agostinho passava a maior parte do tempo escrevendo e

estudando. Apesar de todos os seus arrebatamentos de paixão e pecado, era essencialmente um tipo contemplativo. Esse era o tipo de vida de que mais gostava, e é quase certo que foi durante esse período que desenvolveu as reflexões que serviriam de alicerce para sua filosofia.

Agostinho tinha sido particularmente tocado pelos elementos místicos do neoplatonismo e pela idéia de que o espírito interior do homem liga-o à realidade suprema. Plotino acreditava que, para alcançar o Uno supremo, a realidade última, devíamos olhar profundamente para dentro de nós mesmos. Essa tinha sido a experiência de Agostinho, e ele procurou então reconciliar a doutrina de Plotino com o cristianismo de São Paulo, o que no fim levou-o a reconciliar o neoplatonismo como um todo com os ensinamentos da Bíblia.

A fusão dessas duas doutrinas, que estavam longe de serem complementares, seria a mais importante contribuição de Agostinho à filosofia, uma vez que não só deu ao cristianismo uma sólida base intelectual, como vinculou-o à tradição filosófica grega. Assim, o cristianismo conseguiu manter a chama da filosofia acesa por toda a Idade das Trevas, ainda que seu brilho fosse um tanto baço.

Ao longo de sua obra, Agostinho desenvolveu diversas idéias filosóficas próprias. O pensamento grego de Plotino, analogamente à nossa maneira de pensar hoje, não aceitava que algo pudesse ser criado a partir do nada, como na Bíblia. Para os neoplatônicos, o Uno era atemporal e sem objetivo. A fim de tornar o neoplatonismo coerente com o Livro do Gênesis, Agostinho introduziu no primeiro a criação e “a vontade de Deus de que coisas boas devam existir”. Nesse ponto, porém, deparou-se com uma dificuldade. Como poderia o Uno atemporal (que então se transformara em Deus) operar no tempo?

Esse problema levou Agostinho a propor uma teoria do tempo muito à frente de qualquer pensamento grego antigo sobre o assunto e que não chegou a ser seriamente desafiada até o surgimento, treze séculos mais tarde, da teoria de Kant (que alguns vêem como um mero desdobramento da idéia original de Agostinho). Segundo Agostinho, Deus existe fora do tempo, o qual começou somente com a criação do mundo. Portanto, a pergunta “O que aconteceu antes da criação do mundo?” não tem qualquer validade. Para Agostinho, o tempo é subjetivo e existe na mente humana como um aspecto de nossa maneira de ver as coisas. Não podemos ver o mundo de outra forma – embora a realidade última não esteja sujeita ao tempo.

Esse subjetivismo essencialmente cego e inconsciente levou Agostinho a questionar a própria base do conhecimento subjetivo. O que podemos saber sobre a realidade última se ela está além de nós em todos os sentidos? Com efeito, o que sabemos afinal? Com precisão, nada – exceto que existimos e que estamos pensando. Essas idéias, presentes nos *Solilóquios* de Santo Agostinho,

antecipam em mais de onze séculos o famoso *Cogito, ergo sum* (“Penso, logo existo”), de Descartes, que iria revolucionar a filosofia. Felizmente essa passagem foi desprezada, ou não foi seguida, pelos sucessores medievais de Agostinho – ou provavelmente eles teriam acabado queimados na fogueira.

Em 391, Agostinho visitou Hipona (antes Bône, atualmente Annaba, no litoral nordeste da Argélia), onde o bispo Valério convenceu-o a se ordenar, o que o obrigou então a deixar sua comunidade. Cinco anos depois, o já idoso Valério nomeou-o bispo auxiliar de Hipona e, após sua morte, um ano mais tarde, Agostinho foi chamado a assumir todo o seu trabalho pastoral.

Nessa época o bispo era não apenas o supremo sacerdote local, como também o professor de teologia e juiz de direito da cidade. Apesar dessas obrigações árduas, Agostinho continuou a produzir prolificamente. Durante os dois anos que se seguiram à sua nomeação como bispo, escreveu inúmeros panfletos e sermões e manteve vasta correspondência. Também escreveu as *Confissões*, que, além de descreverem as agonias sexuais de sua juventude, contêm uma das mais profundas declarações de fé encontradas em todos os escritos cristãos, trazendo ainda um esboço de sua filosofia, inclusive de sua original teoria do tempo.

Infelizmente, nem toda a vasta produção literária de Agostinho era de tão alta qualidade. Como muitos convertidos, tornou-se obcecado pelas filigranas da doutrina da Igreja. Boa parte de seu precioso tempo era gasto em inflamadas campanhas de denúncia dos desvios do pensamento ortodoxo. A heresia maniqueísta, que ele conhecia tão bem, foi especialmente censurada (“essa indizível excrescência mental”). Mas essa não era a única heresia.

Os donatistas, por exemplo, eram uma seita cristã que se destacou no norte da África, no início do século IV, quando romperam com a Igreja de Roma. Eles sustentavam que a Igreja deveria se manter totalmente livre da interferência do Estado. Até aí tudo bem, mas uma parte central de seu programa previa uma revolução contra o Estado – que seria seguida pelo advento dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse e do fim do mundo. Esse programa social recebeu o apoio de guerreiros camponeses conhecidos como circuncélios.

A hostilidade “agradava” os donatistas, pois revelava a maldade do mundo. Eles acreditavam numa vida de penitência e perseguição, que, com sorte, acabaria em martírio. Isso tornava extremamente difícil derrubá-los, uma vez que qualquer medida tomada contra eles era bem recebida e só fazia confirmar seus pontos de vista. Na época em que Agostinho se tornou bispo de Hipona, grande parte dos cristãos do norte da África havia se voltado para essa heresia, e Agostinho passava grande parte de seu tempo escrevendo violentos textos polêmicos condenando-os.

Mais tarde, Agostinho voltou-se também contra o pelagianismo, seita herética

criada por um monge galês chamado Morgan (este nome deriva da palavra gaélica para *marinheiro*, traduzida para o latim como Pelágio). Quando Irmão Morgan chegou a Roma, seu honesto espírito galês se assustou com a lassidão moral do sacerdócio, que tendia a ter uma visão muito mais relaxada e “mediterrânea” de seus votos. Mas Morgan logo detectou a causa do problema. Um dia, ele ouviu um sermão no qual um bispo se referiu a uma passagem das *Confissões* (cuja ênfase específica na obscenidade logo estimulava as vendas e a imaginação por toda a cristandade). A passagem citada pelo bispo explicava o ponto de vista de Agostinho segundo o qual a bondade não é possível sem a intervenção da graça divina – o que chegava bem perto da idéia de predestinação. Morgan se deu conta então de que muitos estavam usando essa doutrina como desculpa para sua lassidão moral: não fazia sentido esforçar-se para ser bom se isso dependia da intervenção da graça divina.

Morgan se opôs a esse ponto de vista com uma doutrina própria que sustentava a inexistência do pecado original e que o homem era capaz de conquistar um lugar no céu sem a intervenção da graça de Deus. Essa perniciosa heresia provocou uma tempestade de protestos, inclusive de Agostinho, que imediatamente saiu em defesa de sua teoria ética, começando por escrever uma série de textos polêmicos inflamados atacando o perverso galês e seu bando – cada vez maior – de seguidores.

Agostinho perdeu boa parte de seu tempo nessa campanha, e logo ficou conhecido em todo o mundo cristão como baluarte da ortodoxia. (De acordo com Agostinho, até as crianças não batizadas estavam condenadas à maldição eterna.) É inevitável imaginar o que fazia com que um pensador de seu quilate gastasse tanto tempo e energia em tamanhos absurdos. Contudo, isso não era um subterfúgio psicológico pessoal; era sintomático de uma obsessão coletiva que daí em diante atacaria a Igreja por muitos anos. Na perspectiva histórica, só podemos nos maravilhar diante da obstinação de Agostinho e dos outros grandes espíritos europeus da época, que gastavam seu tempo desse modo. O Império Romano apresentava os últimos sintomas de colapso antes da Idade Média e, enquanto isso, os mais argutos intelectos do cristianismo se ocupavam em cáusticas controvérsias sobre a intervenção da graça divina, decidindo se crianças pagãs iam ou não para o inferno e se a castidade era necessária.

Em 410 d.C., Alarico e os vitoriosos visigodos levaram a cabo entusiasticamente o saque de Roma. Eles foram os primeiros estrangeiros a invadir as muralhas da cidade em quase oitocentos anos. A queda de Roma foi de imediato atribuída à perda de fé nos antigos deuses, cujo culto fora recentemente banido pelo imperador Teodósio em favor do cristianismo. Enquanto Júpiter fora adorado, Roma tinha dominado – mas, agora, eis o que

tinha acontecido. Era tudo culpa dos cristãos.

Esse argumento irritou Agostinho, que decidiu contestá-lo. Sua resposta foi *A cidade de Deus*, grande obra de teologia e filosofia, que infelizmente é ainda mais ilegível hoje do que as *Confissões*. Em *A cidade de Deus*, Agostinho estabelece a primeira visão cristã da história, permitindo aos cristãos aceitar a queda de Roma como parte da ordem divina das coisas. Contra a Cidade Terrena, cujos habitantes se deleitam com o mundo temporal, ele postula a Cidade de Deus, uma comunidade inspirada pelo amor de Deus através da intercessão da graça divina. A Cidade de Deus era de existência puramente espiritual e não devia ser identificada com qualquer outro lugar sobre a Terra, nem mesmo com a sacra cidade de Roma. Essas idéias teriam efeito profundo sobre a Igreja medieval e mais tarde chegaram inclusive a exercer alguma influência sobre a Reforma.

Ao longo de *A cidade de Deus*, Agostinho formula alguns argumentos engenhosos. Os cristãos não deviam se entristecer diante da visão dos godos caminhando impunes para o saque de Roma. (Os visigodos, um subgrupo dos godos, foram de fato os autores do feito, mas Agostinho preferiu ignorar esses detalhes quando se referia a esses bárbaros sanguinários.) Ele assegurava a seus leitores que os graves crimes dos godos seriam punidos quando eles chegassem diante do Criador. Afinal, se todo pecado fosse punido na Terra, para que um Juízo Final?

Dadas as preocupações habituais de Agostinho, *A cidade de Deus* também contém extensas longas passagens sobre sexo, que parecerão ao leitor moderno implausíveis, hilárias ou a última palavra em práticas libidinosas, dependendo de seu ponto de vista. Ele chega a explicar como Adão e Eva poderiam facilmente ter feito sexo antes da Queda (embora ressalte que isso com certeza não ocorreu), e que isso teria sido um ato de vontade, sem luxúria. Como Agostinho reconheceu, isso teria deixado o órgão de Adão imune ao desejo, apresentando, assim, um argumento que demonstra como o ato mecânico necessário pode ser conseguido apenas pela força de vontade. Qualquer um que creia que filosofia não é um assunto risível deveria ler essa passagem. (Ver a citação na seção de trechos das obras de Agostinho.)

Agostinho também discute se as virgens estupradas pelos godos durante o saque de Roma permaneciam virtuosas, questão que provocou grande incômodo na época. Em sua opinião, sim, uma vez que a castidade era uma virtude da mente. Mas elas não eram mais virtuosas se tivessem gostado da experiência. Ele acrescenta que Deus pode ter permitido esses estupros porque as vítimas eram orgulhosas demais de sua castidade. Embora grande parte da teologia de Agostinho possa parecer atualmente sem sentido ou maçante, essas passagens

permanecem tão ofensivas hoje quanto devem ter sido, na época em que foram escritas, para qualquer um com o mínimo de discernimento. E isso não implica qualquer dúvida quanto à integridade de Agostinho; se ele também tivesse sido violentado pelos godos, isso provavelmente não teria mudado sua opinião sobre o assunto.

Agostinho levou treze anos para escrever *A cidade de Deus*, que terminou em 426 d.C., aos setenta e dois anos. Durante todo esse tempo, manteve suas obrigações como bispo de Hipona, além de escrever centenas de sermões e de levar adiante sua vigorosa perseguição aos hereges. (Após a queda de Roma, Pelágio-Morgan chegou ao norte da África e começou a pregar suas heresias no território de Agostinho, servindo assim de constante estímulo e fonte de inspiração.) No entanto, apesar de suas funções públicas e do prestígio de que gozava em todo o mundo cristão, Agostinho permaneceu basicamente isolado, um erudito ocupado nas tarefas que determinava para si mesmo. Em seus últimos anos de vida, dizem os relatos que era o único homem em Hipona a possuir um livro. Esta era a cidade da qual o primeiro grande filósofo cristão, Santo Agostinho de Hipona, tiraria seu nome.

O porto industrial de Annaba, na Argélia, ocupa hoje o território onde antes situava-se Hipona. À medida que as balsas se aproximam, vindas de Marselha, podem-se divisar, sob a fumaça produzida pela enorme usina de aço, as mesquitas e os espalhafatosos bulevares coloniais. Nos limites da cidade em expansão, altos edifícios de apartamentos se estendem por sobre as colinas. Mas, além dessas fronteiras, a paisagem permanece em grande parte como deve ter sido há quase dezesseis séculos, na época de Agostinho – o alto das colinas pontilhado de bosques de carvalhos, costa e mar se encontrando sob o céu da África, alto e azul.

As indescritíveis ruínas da antiga Hipona localizam-se a vinte minutos a pé ao sul do centro da cidade, perto da grande usina de aço. Mais ao alto, acima das ruínas, destaca-se uma basílica chocha, de construção francesa, que data da virada do século e é dedicada a Santo Agostinho. Nada resta do grande santo cristão no local. No entanto, essa moderna cidade muçulmana vive nos dias atuais um redespertar do fanatismo religioso que Agostinho certamente reconheceria: aspectos fundamentalistas refletem muitas de suas próprias preocupações. (No entanto, se Agostinho tivesse vivido para ver a ascensão do islamismo, este certamente teria recebido a mesma longa sabatina imposta aos maniqueístas, aos donatistas e aos pelagianos.)

Durante os últimos anos de vida de Agostinho, o declínio do Império Romano prosseguiu, a passos largos. Em 428 d.C., os vândalos invadiram as províncias do norte da África, e em maio de 430 tinham alcançado os portões de Hipona.

Quatro meses após o início do cerco, que duraria um ano, Agostinho morreu, em 28 de agosto de 430. Seu dia é hoje celebrado nessa data. Agostinho foi amplamente reconhecido como santo logo após sua morte. (O processo formal de canonização ocorreu apenas no final do primeiro milênio.)

Os vândalos logo dominaram todo o norte da África, e em 497 seu rei, Thrasamund, expulsou os bispos católicos da Numídia. Ao partirem, para a Sardenha, os bispos levaram consigo o corpo de Agostinho, que ali ficou até as invasões sarracenas, no século VIII, quando o então rei dos lombardos, Luitprand, resgatou-o e ordenou que seus cavaleiros o trouxessem até Pavia, na Itália, onde permanece até hoje. Quando se desce pela Strada Nuovo chega-se a uma igreja lombardo-românica do século XII, belamente batizada de San Pietro in Ciel d'oro (São Pedro em céu dourado); perto do altar-mor, pode-se ver o relicário de mármore ornamentado que contém os restos mortais de Santo Agostinho de Hipona.

DEPOIS DE SANTO AGOSTINHO

.....

Quando Santo Agostinho morreu, a parte ocidental do antigo Império Romano agonizava. Os vândalos finalmente dominaram as províncias africanas em 439; em 455, Roma foi novamente saqueada, dessa vez pelos vândalos. Um ano depois, o imperador Rômulo Augusto, ainda um menino, foi deposto, e a metade romana do Império foi destruída. Era o começo da Idade das Trevas.

Durante esse período, o conhecimento clássico seria preservado na Europa ocidental pela tradição monástica cristã, que conseguiu sobreviver, inicialmente em isolamento, mas por fim infiltrando sua mensagem por intermédio de missionários nos embrionários reinos feudais da Europa.

Enquanto isso o Império do Oriente permaneceu nos Bálcãs e na Ásia Menor, com sua capital em Constantinopla. O Império Bizantino (como depois ficou conhecido) desenvolveu os elementos mais místicos e mesquinhos do velho Império Romano, mas poucas de suas virtudes. Em 529 d.C., o imperador Justiniano finalmente esmagou toda a cultura helenística “pagã” e fechou a Academia de Platão em Atenas. Muitos historiadores consideram esse acontecimento como o marco definitivo do começo da Idade Média.

Inevitavelmente, essa não foi uma boa época para os filósofos, que exigem uma sociedade civilizada e estável, com tradição de conhecimento e lazer. (A filosofia raramente floresce na ausência de uma classe ociosa e culta.) O primeiro pensador de algum destaque a surgir na Europa ocidental depois de Agostinho foi Boécio, que morreu cerca de um século após Agostinho, em Pavia, na Itália. Boécio é mais lembrado por sua obra-prima *A consolação da filosofia*, que se tornou o livro mais lido depois da Bíblia durante a era medieval, fazendo com que muitos erradamente o considerassem um filósofo cristão maior que Agostinho.

A consolação da filosofia foi escrito quando Boécio estava confinado em uma cela, condenado à morte. (Essa forma extremada de lazer também proporcionou um estímulo ao pensamento filosófico através dos tempos. A maioria dos filósofos originais enfrentou a *perspectiva* dessa estimulante reclusão, alcançando-a somente quando sua originalidade era reconhecida em vida.)

Segundo Boécio, os únicos filósofos verdadeiros eram Sócrates, Platão e Aristóteles, embora sua própria doutrina moral aproxime-se mais da dos estóicos. Em *A consolação da filosofia*, Boécio mantém um diálogo com a filosofia – que responde em versos rimados a suas perguntas em prosa:

“Se quiseses

As leis de Deus com o espírito mais puro ver

Os olhos fixos no céu debes manter.”

A filosofia de Boécio é platonismo puro e inalterado, sem nada do neoplatonismo místico de Plotino. Os dogmas do cristianismo não aparecem de fato, mas o argumento platônico de Boécio de modo algum os contradiz. Isso mostra o quanto boa parte do cristianismo era similar ao pensamento platônico – porém, se tivesse ampliado sua comparação, Boécio teria se confrontado com várias contradições óbvias, como os pontos de vista conflitantes sobre a criação sustentados pelos platônicos (*ex nihilo nihil fit*: nada surge do nada) e pelos cristãos (Deus criou o mundo). Agostinho identificara muitos desses problemas e lidara com eles um século antes, assentando assim o terreno para pensadores essencialmente platônicos como Boécio se considerarem cristãos ortodoxos, façanha nada medíocre numa época em que o cristianismo continuava a ser fragmentado por cismas e heresias. Ironicamente, no final das contas foi a heresia a causadora da decadência de Boécio: ele foi condenado à morte por seu velho amigo Teodorico, o Grande, o rei ariano-cristão dos ostrogodos, por conta de sua recusa em aceitar a heresia ariana. Segundo o arianismo, Cristo não era divino, e, portanto, não tinha nenhum conhecimento direto de Deus.

A consolação da filosofia popularizou o pensamento platônico entre as classes monásticas medievais (ou pelo menos entre sua minoria letrada). Essa elite foi, assim, mantida em contato com o pensamento filosófico genuíno, embora proibida de entregar-se a essas práticas perigosas. Se Agostinho não tivesse dado uma de mágico e tirado o platonismo da cartola cristã, seria muito pouco provável que qualquer filosofia digna do nome tivesse se incorporado ao cristianismo. Não fosse por Agostinho, é quase certo que o pensamento platônico – e com ele toda a tradição da filosofia ocidental – teria sido condenado como pagão (o que ele de fato era) ou, pelo menos, como herege (*idem*).

O primeiro filósofo de verdade da era medieval foi João Escoto Erígena, que nasceu no início do século XIX e teria trabalhado por algum tempo na corte do rei francês Carlos, o Calvo. Escoto Erígena concebia o homem como um microcosmo do universo: com os sentidos, percebe o mundo; com a razão estabelece as causas e os efeitos das coisas; e com o intelecto contempla Deus. Ainda mais importante, ele acreditava na eficácia do argumento puramente

filosófico. A razão (ou seja, a filosofia) era uma forma de se chegar à verdade tão boa quanto a teologia (ou seja, a revelação ou a fé). E, como ambas eram maneiras de se chegar à verdade, jamais se contradiziam de fato. Escoto Erígena sustentava que a religião verdadeira era filosofia legítima – mas que a recíproca também era verdadeira, o que provocou furor na Igreja e foi condenado em nada menos de dois concílios, tachado de “a baboseira de Escoto”.

Apesar disso, a filosofia conseguiu sobreviver na Idade Média. A popularidade duradoura de *A consolação da filosofia*, de Boécio, e das *Confissões*, de Santo Agostinho, garantiu que, por toda a Idade Média, a tradição monástica permanecesse em contato com a tradição platônica. O corpo principal das *Confissões* pode ter sido dedicado às vicissitudes espirituais de Agostinho em sua caminhada em direção à santidade, mas seus últimos três livros (XI-XIII) tratam amplamente de problemas filosóficos. “Como o mundo começou?”, “O que é o tempo?” e “O passado e o futuro existem?” são apenas alguns dos problemas que ele suscita e tenta resolver. E aqueles que se sentiam tentados a se aprofundar em suas obras podiam descobrir várias e ricas intervenções de genuína argumentação filosófica entre diatribes contra hereges, explicações da mecânica do sexo sem luxúria e daí por diante.

Agostinho teria profunda influência sobre vários pensadores importantes da era medieval. O mais destacado deles foi provavelmente Santo Anselmo, que no século XI fundou a escolástica, a pseudofilosofia que reinaria soberana por toda a Idade Média. A escolástica foi em sua essência uma tentativa de construir um corpo de pensamento filosófico genuíno fundamentado no rígido dogma religioso. O primeiro era matéria de argumentação filosófica, o último, não. A argumentação filosófica era ampla e conduzida com exatidão minuciosa, mas se alguém inadvertidamente se perdesse no questionamento do dogma, corria o risco de terminar queimado na fogueira. Rapidamente o principal objetivo do debate filosófico passou a ser demonstrar que seu oponente tinha cometido o erro capital de contradizer o dogma. A filosofia tornou-se então um poderoso jogo de poder para uns poucos brilhantes e audaciosos. (Os psicólogos ainda consideram esse impulso de dominação a base *verdadeira* da argumentação filosófica, sendo o objetivo a traumática humilhação do ego derrotado. E isso não chega a ser tão falso, se considerarmos a argumentação filosófica algo semelhante ao xadrez. Se, contudo, ela for considerada como algo remotamente relacionado à verdade...)

Essas considerações não são tão frívolas e irrelevantes quanto podem parecer. E mais uma vez Agostinho tem participação nisso. Os gregos antigos simplesmente concordaram em divergir sobre questões filosóficas; Diógenes, o estóico, ridicularizou os membros da Academia de Platão, mas foi só isso. Com

a fusão da filosofia e do cristianismo, as coisas mudaram de figura. Quando atacou as heresias donatista e pelagiana, Agostinho não estava interessado no puro debate acadêmico; elas estavam dividindo o cristianismo e ele desejava destruí-las. E a maneira mais convincente de fazê-lo era destruindo suas bases filosóficas por meio da argumentação racional. Esses métodos são tão identificáveis hoje quanto o eram no tempo de Agostinho: seu jogo de poder com Morgan (Pelágio) era pouco diferente da disputa *filosófica* entre Stalin e Trotsky sobre suas diferentes interpretações do evangelho comunista. O perdedor era considerado herege e banido junto com seus seguidores. A maioria das guerras de propaganda entre dogmas rivais tem tido como principal objetivo conquistar corações e *mentes*.

Quando a filosofia (e seus métodos) é usada dessa forma, os psicólogos têm razão: ela se torna um jogo de poder. Isso suscita, entretanto, uma questão fundamental – e Agostinho, que ajudou a introduzir esse método, parece não ter tido consciência dela. Quando a filosofia não é utilizada (ou mal utilizada) desse modo? Existem circunstâncias em que a filosofia não seja um jogo de poder, embora conduzido segundo as mais rígidas regras, todas elas destinadas a nos guiar em direção à verdade? Qualquer um que se sinta seguro o suficiente para responder a essa questão deveria ponderar as palavras de Xenófanes: “Ninguém sabe, ou jamais saberá, a verdade sobre os deuses e sobre tudo; pois se alguém por ventura dissesse toda a verdade, ainda assim esse alguém jamais o saberia.” Essa declaração vem ao encontro de boa parte da filosofia do século XX, bem como de certos elementos da filosofia grega, e se utilizou da filosofia cética nos séculos intermediários. No entanto, se não podemos saber a verdade, a argumentação psicológica torna-se simplesmente irresistível – quem tiver os melhores argumentos vence. Felizmente, reconhecemos hoje que a filosofia diz respeito às regras dessa discussão quanto a seu vencedor.

Agostinho não teria visto essa questão da mesma forma. De um modo geral, o resultado dessa atitude foi a filosofia ser mal utilizada durante toda a Idade Média. Ela foi cooptada como propaganda cristã e somente como tal era aceitável. Um ateu ou um muçulmano simplesmente não poderia ter tomado parte em uma discussão filosófica na Europa ocidental. Pouco surpreende, portanto, que boa parte da melhor filosofia desse período tenha sido formulada por muçulmanos (Averróis e Avicena) e que a escolástica tenha finalmente tido seu fim decretado por Descartes, que se utilizou dos argumentos de um ateu (embora prudentemente negando ser um).

Outra grande figura influenciada por Agostinho foi o franciscano São Boaventura, no século XIII. Conscientemente seguindo a trilha de Agostinho, Boaventura procurou incorporar à escolástica vários elementos de Platão que

eram de fato incompatíveis com o cristianismo – chegando a incluir alguns que até mesmo Agostinho tinha considerado além dos limites. Mas ele estabeleceu esses limites excluindo o aristotelismo, que considerava diretamente oposto à escolástica. Considerando-se que o aristotelismo ajudou a introduzir um elemento do pensamento científico na escolástica, Boaventura estava inteiramente correto.

O mais conhecido contemporâneo de São Boaventura foi Duns Scotus (1266-1308) – que não deve ser confundido com João Escoto Erígena, morto quatro séculos antes. Ele foi menos influenciado por Agostinho, apesar de usar extensas citações da obra agostiniana para apoiar seus argumentos. Mas foi mais importante que São Boaventura como filósofo, embora seu nome tenha dado origem à palavra inglesa *dunce*¹ (uma calúnia cunhada por seus inimigos). Lá pelas tantas, Duns Scotus foi forçado a fugir de Paris para salvar sua pele – após ir contra o que a doutrina oficial do papa dizia e sugerir que a Imaculada Conceição não comprometia Maria com o pecado original. Esse episódio ilustra não apenas os perigos enfrentados pelos pensadores na Idade Média, mas os abismos metafísicos em que o debate estava então mergulhado. Muitos consideram Duns Scotus a mais refinada mente especulativa da Idade Média. É uma tragédia ver esse talento reduzido a refregas sobre um blá-blá-blá metafísico quando ele ofereceu várias contribuições importantes, principalmente na elaboração de dificuldades (e de soluções para elas) decorrentes do platonismo introduzido por Agostinho. Por exemplo, a distinção de Duns Scotus entre as propriedades essenciais e acidentais dos objetos marcaram importante progresso na lógica. As páginas de um livro são essenciais à sua identidade, mas a cor de sua encadernação é meramente acidental. Argumentos desse calibre tinham estado quase ausentes desde Aristóteles, mil e quinhentos anos antes. Duns Scotus demonstrou que a lógica podia ser usada como instrumento prático – embora isso não tenha ocorrido por vários séculos, devido ao caráter não-científico da época.

As definições de Duns Scotus daquilo que podemos saber sem comprovação apontam para o período em que a filosofia finalmente se livrou do peso sufocante da teologia. Segundo ele, existem três tipos diferentes de conhecimento que não podem ser comprovados: primeiro, os princípios que conhecemos por si mesmos; segundo, aquilo que sabemos por experiência; e terceiro, as atitudes que nós mesmos tomamos.

Duns Scotus tornou-se inimigo de Tomás de Aquino (c.1225-74), o maior de todos os filósofos medievais. São Tomás não foi tão influenciado por Agostinho, mas sua maior contribuição à filosofia foi notavelmente semelhante. Enquanto Agostinho adaptou o pensamento platônico ao dogma cristão, São Tomás

conseguiu conciliar as obras de Aristóteles com os ensinamentos que a Igreja então pregava. Muitas dessas obras tinham apenas há pouco ressurgido na Europa ocidental, em grande parte graças a filósofos muçulmanos, como Averróis. Isso completou o ciclo da filosofia. O melhor do pensamento grego antigo tinha então sido incorporado à escolástica. O resultado foi desastroso. A natureza essencialmente clara e fluida do pensamento especulativo helênico foi congelada na rigidez glacial da metafísica cristã, cujo progresso era impossível detectar. O resultado foi um prodígio descomunal, comparável em proporção e esplendor a uma catedral gótica. Devia-se olhar para ela como turistas, absorvendo-a em encantamento. Aqueles que quisessem saber um pouco mais, sempre poderiam optar por uma visita guiada; mas qualquer um que tentasse explorar esse prodígio por conta própria poderia desaparecer por alguma fenda de heresia e nunca mais ser visto. Agostinho não pode ser responsabilizado por isso, mas foi o primeiro a conduzir a filosofia nessa direção.

CITAÇÕES-CHAVE

.....

Dai-me a castidade – mas não ainda.

Confissões, Livro VIII, cap.7

Para muitos, a abstinência total é mais fácil do que a moderação perfeita.

Sobre os benefícios do casamento, cap.21

Não houve tempo nenhum em que não fizésseis alguma coisa, pois fazíeis o próprio tempo.

Nenhum tempo Vos é coeterno porque Vós permanecéis imutável, e se os tempos assim permanecessem, já não seriam tempos. Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem poderá apreendê-lo, mesmo só como pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais freqüente nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicá-lo a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobrevivesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existia o tempo presente.

De que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro – se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente e não passasse para o pretérito, já não seria tempo mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente só existe porque tende a não ser?

Confissões, Livro XI, cap.14

Ame o pecador, mas odeie o pecado.

Carta 221 da *Patrologia latina* (1845), vol.33

... Deste modo, manchava, com torpe concupiscência, aquela fonte de amizade. Embaciava a sua pureza com o fumo infernal da luxúria. Não obstante ser feio e impuro, desejava, na minha excessiva vaidade, mostrar-me afável e delicado.

Precipitei-me finalmente no amor, armadilha que eu mesmo armara. Ó meu Deus, Misericórdia minha, ah! quanto fel derramou a Vossa bondade nestas delícias! Fui amado, cheguei ocultamente aos laços do gozo. Mas ainda que alegre, enredava-me nos laços das tribulações para ser flagelado pelas férreas e esbraseantes varas do ciúme, das suspeitas, dos temores, dos ódios e das contendadas.

Confissões, Livro III, cap.1

Arrebatavam-me os espetáculos teatrais, cheios de imagens das minhas misérias e de alimento próprio para o fogo das minhas paixões.

Mas por que quer o homem condoer-se, quando presencia cenas dolorosas e trágicas, se de modo algum deseja suportá-las? Todavia o espectador anseia por sentir esse sofrimento que afinal para ele constitui um prazer. Que é isto senão rematada loucura? Com efeito, tanto mais um se comove com tais cenas quanto menos *curado* se acha de tais afetos (deletérios). Mas ao sofrimento próprio chamamos ordinariamente *desgraça*, e à participação das dores alheias, *compaixão*.

Confissões, Livro III, cap.2

Assim como no paraíso eram desconhecidos o frio e o calor, assim também em seus habitantes era desconhecida a mordida desferida em sua boa vontade pelo desejo ou pelo medo ... A sociedade conjugal era acompanhada de um amor honesto, baseado no amor e no respeito mútuo e na observância estrita dos mandamentos ... Quando a humanidade era abençoada com tantas facilidades e tanta fartura, teria sido possível lançar as sementes dos filhos sem a companhia da luxúria. Os órgãos sexuais teriam sido estimulados para a necessária atividade tão-somente pela vontade, assim como a vontade controla outros órgãos. Assim, sem ser incitado pela tentação da paixão, o homem poderia se fundir no regaço da esposa, em completa paz de espírito e tranqüilidade corporal ... aquela parte do corpo ativada não pela paixão violenta, mas posta em atividade pelo uso da potência diante do surgimento da necessidade, a semente lançada no útero sem que a mulher perdesse a virgindade ... Assim os dois sexos podiam se unir para a fertilização e a concepção por um ato de vontade e não pelo desejo concupiscente.

A cidade de Deus, Livro XIV, cap.26

Agostinho: Você que quer saber, você sabe que existe? *Razão*: Sim, eu sei.

A: Como sabe isso?

R: Não sei.

A: Você se acha simples ou complexo?

R: Não sei.

A: Você sente que é movido por si mesmo? R: Não sei.

A: Você sabe que pensa?

R: Sim.

Solilóquios, Livro II, cap.1

A certeza de que eu existo, de que eu sei isto e de que estou feliz por isto acontece independentemente de qualquer fantasia ou contradição imaginária.

Com relação a essas verdades, não temo qualquer argumento apresentado pelos acadêmicos. Se eles dizem “E se você estiver errado?”, respondo “Ainda que eu esteja errado, ainda assim existo”. O ser que não existe não pode se enganar. Por isso, se me engano, existo. Logo, se o fato de estar enganado prova que eu existo, como posso estar errado quando penso que existo, se meu erro confirma minha existência. Por isso, devo existir para que possa estar errado, logo, mesmo que esteja errado, não se pode negar que não o estou na minha certeza de que eu existo. Portanto, não estou errado ao saber que sei. Pois da mesma forma que sei que existo, também sei que sei. E quando me alegro com esses dois fatos, posso acrescentar com igual certeza essa alegria às coisas que eu sei. Pois não estou errado nessa alegria, porque não estou enganado quanto às coisas que amo. Ainda que essas coisas sejam ilusórias, ainda seria um fato eu amar as ilusões.

A cidade de Deus, Livro XI, cap.26

Certamente não negarás que existe uma verdade imutável, contendo todas as coisas imutavelmente verdadeiras, que não poderás dizer que são tuas ou minhas ou de qualquer outro homem. Por algum milagre, uma luz inefável e universal está, por assim dizer, presente de modo manifesto e igual para todos. Mas quem poderá dizer que o que está ao alcance de todos que pensam e compreendem pertence, na realidade, à natureza de qualquer indivíduo? Pois é bom lembrar o que acabamos de dizer sobre os sentidos do corpo. Ou seja, que o que todos percebemos com nossos olhos ou ouvidos, como as cores e os sons, não pertencem aos olhos ou aos ouvidos individuais, mas estão ao alcance de todos. Da mesma forma, não poderás dizer que aquelas coisas que todos apreendemos, com nossos espíritos individuais, tenham qualquer relação com essas mentes individuais. Pois não se pode dizer que o que os olhos de duas pessoas vêem ao mesmo tempo pertença aos olhos de qualquer dos dois, mas consiste de fato de

alguma terceira coisa que atraiu o olhar de ambos.

Sobre o livre arbítrio, Livro 1, cap.12

Deus jamais teria criado qualquer homem, muito menos um anjo, sabendo antecipadamente do mal que o rondaria no futuro, sem ao mesmo tempo ter em mente o bem geral do mundo. Ele compreendeu como faria uso dessas criaturas para melhorar o curso da história do mundo, de modo bastante semelhante ao da antítese, que eleva a beleza do poema.

A cidade de Deus, Livro XI, cap.18

Ame e faça o que quiser.

Comentário da 1a Carta de São João, tratado 7, seção 8

Em resposta aos que indagam “O que fazia Deus antes da criação do céu e da terra?”, não respondo que “Ele estava preparando o inferno para aqueles que fazem perguntas inconvenientes”. Isso apenas deturpa a questão...

Um homem de mente volúvel ... poderia perguntar por que tanta ociosidade e tanto tempo passado antes que finalmente fosse iniciada a grande tarefa da criação. Meu conselho para essa pessoa é que desperte e pense apropriadamente, pois sua pergunta é baseada num equívoco.

Como poderia todo esse tempo ter se passado quando Vós, o Criador de todas as coisas, não as havia ainda criado? Que tempo pode ter havido que não tenha sido criado por Vós? Como podia o tempo passar se não tinha sido criado? ...

Embora Vós estejais à frente do tempo, Vós não o precedeis no tempo. Se assim fosse, Vós não poderíeis estar à frente de todo o tempo.

Confissões, Livros XI, XII e XIII

As três citações seguintes ligam-se por um argumento relativo ao tempo:

Dir-me-á minha alma a verdade quando digo que posso medir o tempo? Eu certamente o meço, mas não sei precisamente o que meço. Posso medir os movimentos dos corpos no tempo – significa isso que meço o próprio tempo? Poderia eu medir o movimento de um corpo – medir quanto durou o movimento e quanto tempo o corpo levou para percorrer a distância entre dois pontos – a menos que medisse o tempo do movimento?

Se assim é, como meço o tempo? Medimos períodos mais longos por meio de outros mais curtos, assim como medimos metros usando centímetros? Medimos assim a duração de uma sílaba longa – por comparação com outra breve, descobrindo que aquele tem duas vezes a duração desta. Usamos o mesmo

método quando medimos a extensão de um poema pelo comprimento dos versos ...

Mesmo assim, esse não é um modo preciso de medir o tempo, porque pode acontecer que um verso curto falado lentamente tome mais tempo do que outro longo pronunciado de forma rápida ...

Parece-me, então, que o tempo é simplesmente uma extensão, embora não tenha idéia de extensão do quê. Começo a ponderar se não seria uma extensão da própria mente.

Confissões, Livro XI, cap.26

O que estou medindo quando digo que um período de tempo é maior que outro ou, mais precisamente, que tem duas vezes a sua extensão? Sei que estou medindo o tempo. Mas não estou medindo o futuro, porque o futuro não existe ainda; nem o presente, porque ele não pode ser estendido; nem o passado, porque ele já não existe. Estarei medindo o tempo que passa, mas que ainda não passou? ...

idem, ibidem

Pode-se dizer, assim, que meço o tempo em minha própria mente. Não devo permitir à minha mente insistir que o tempo é algo objetivo. Não devo permitir que meus preconceitos e noções preconcebidas derrotem essa idéia. Definitivamente, meço o tempo em minha mente. Tudo aquilo que acontece deixa uma impressão em minha mente e essa impressão permanece por muito tempo após aquilo ter deixado de existir. É a impressão que eu meço, porque ela ainda está presente, e não a coisa em si, que causa a impressão e depois desaparece no passado. Quando meço o tempo, é a impressão que eu meço. O tempo é isso – do contrário, não tenho como medi-lo.

Confissões, Livro XI, cap.27

CRONOLOGIA DE DATAS SIGNIFICATIVAS DA FILOSOFIA

.....

- séc.VI* Início da filosofia ocidental com Tales de Mileto.
a.C.
- fim do* Morte de Pitágoras.
séc.VI
a.C.
- 399 Sócrates condenado à morte em Atenas.
a.C.
- c.387* Platão funda a Academia em Atenas, a primeira universidade.
a.C.
- 335 Aristóteles funda o Liceu em Atenas, escola rival da Academia.
a.C.
- 324 O imperador Constantino muda a capital do Império Romano para Bizâncio.
d.C.
- 400 Santo Agostinho escreve as *Confissões*. A filosofia é absorvida pela teologia cristã.
d.C.
- 410 Roma é saqueada pelos visigodos.
d.C.
- 529 O fechamento da Academia em Atenas
d.C. pelo imperador Justiniano marca o fim da era greco-romana e o início da Idade das Trevas.
- meados* Tomás de Aquino escreve seus comentários sobre Aristóteles. Era da
do escolástica.
séc.XIII
- 1453 Queda de Bizâncio para os turcos, fim do Império Bizantino.
- 1492 Colombo chega à América. Renascimento em Florença e renovação do interesse pela aprendizagem do grego.

- 1543 Copérnico publica *De revolutionibus orbium caelestium* (*Sobre a revolução dos orbes celestes*), provando matematicamente que a Terra gira em torno do Sol.
- 1633 Galileu é forçado pela Igreja a abjurar a teoria heliocêntrica do universo.
- 1641 Descartes publica as *Meditações*, início da filosofia moderna.
- 1677 A morte de Spinoza permite a publicação da *Ética*.
- 1687 Newton publica os *Principia*, introduzindo o conceito de gravidade.
- 1689 Locke publica o *Ensaio sobre o entendimento humano*. Início do empirismo.
- 1710 Berkeley publica os *Princípios do conhecimento humano*, levando o empirismo a novos extremos.
- 1716 Morte de Leibniz.
- 1739-40 Hume publica o *Tratado sobre a natureza humana*, conduzindo o empirismo a seus limites lógicos.
- 1781 Kant, despertado de seu “sono dogmático” por Hume, publica a *Crítica da razão pura*. Início da grande era da metafísica alemã.
- 1807 Hegel publica a *Fenomenologia do espírito*: apogeu da metafísica alemã.
- 1818 Schopenhauer publica *O mundo como vontade e representação*, introduzindo a filosofia hindu na metafísica alemã.
- 1889 Nietzsche, após declarar que “Deus está morto”, sucumbe à loucura em Turim.
- 1921 Wittgenstein publica o *Tractatus logico philosophicus*, advogando a “solução final” para os problemas da filosofia.
- década de 1920 O Círculo de Viena apresenta o positivismo lógico.
- 1927 Heidegger publica *Sein und Zeit* (*Ser e tempo*), anunciando a ruptura entre a filosofia analítica e a continental.
- 1943 Sartre publica *L'être et le néant* (*O ser e o nada*), dando continuidade ao pensamento de Heidegger e instigando o surgimento do existencialismo.
- 1953 Publicação póstuma das *Investigações filosóficas*, de Wittgenstein. Auge da análise lingüística.

CRONOLOGIA DA VIDA DE SANTO AGOSTINHO

.....

345 d.C.	Nasce em Tagasta, em 13 de novembro.
início da década de 370	Estudante em Cartago. A leitura de Cícero acende seu interesse pela filosofia. É atraído pelo maniqueísmo.
382	Muda-se de Cartago para Roma.
final da década de 380	Nomeado professor em Milão. Ouve os sermões de Santo Ambrósio.
386	Conversão ao cristianismo.
387	Batizado por Santo Ambrósio. Volta à África (a mãe, Mônica, morre a caminho de Óstia).
396	Valério morre e Agostinho o sucede como bispo de Hipona, cargo que conserva até a morte.
396-411	Luta contra os hereges donatistas.
399	Escreve as <i>Confissões</i> .
década de 410	Luta contra os hereges pelagianos.
413	Em consequência da queda de Roma para os visigodos, começa a escrever <i>A cidade de Deus</i> .
410 em diante	Migração dos hereges pelagianos para o norte da África.
426	Aos 72 anos, finalmente termina <i>A cidade de Deus</i> , escrito ao longo de treze anos.
428	Os vândalos invadem as províncias do Império Romano no norte da África.
430	Isolado em Hipona, quando os vândalos iniciam o cerco em maio.

- 430 Morre em 28 de agosto aos setenta e cinco anos. Hipona ainda sitiada.
- 497 Os bispos católicos expulsos do norte da África pelos vândalos levam consigo os restos de Agostinho para a Sardenha.
- séc.VIII* O rei Luitprand dos lombardos traz os restos de Agostinho para Pavia, na Itália.

CRONOLOGIA DA ÉPOCA DE SANTO AGOSTINHO

.....

360 d.C.	Fundação da comunidade cristã na Candida Casa, no noroeste da Grã-Bretanha.
370	Ao norte do Mar Negro, aparece pela primeira vez a tribo nômade dos hunos negros.
370 em diante	Os godos, deslocados pelos hunos que migravam em direção ao oeste, dominam as regiões ocidentais do Império Romano.
378	Os visigodos derrotam os romanos em Adrianópolis (atual Edirna, na Turquia ocidental), destruindo a lenda da invencibilidade romana.
381	Concílio Ecumênico de Constantinopla (atual Istambul).
395	Os visigodos tomam a Grécia.
397	Morte de Santo Ambrósio.
fim do séc.IV	A diáspora judaica prossegue, agora com o estabelecimento de comunidades em áreas distantes, como o sul da Espanha e a Alemanha central.
início do séc.V	O imperador Honório retira as últimas legiões romanas da Grã-Bretanha.
400	A população mundial é estimada em pouco mais de 250 milhões de pessoas.
410	Saque de Roma pelos visigodos.
419	Morte de Morgan (Pelágio), líder dos hereges pelagianos.
428	Os vândalos invadem as províncias do Império Romano no norte da África.
décadas intermediárias do séc.V	Anglos, saxões e jutos, cruzando o Mar do Norte, iniciam incursões à Grã-Bretanha.
430	Cerco de Hipona.

- 431 Concílio Ecumênico de Éfeso.
- 432 Fim da comunidade de Candida Casa,
que durou setenta e dois anos.
- 434 Átila, o Huno, conhecido como *Flagellum Dei* (Flagelo de Deus), se estabelece no território dos búlgaros (atual Bulgária).

LEITURAS SUGERIDAS

.....

Santo Agostinho, seleção de textos em *Os Pensadores*,
S.Paulo, Nova Cultural, 1996.

A cidade de Deus, Petrópolis, Vozes, 1990.

A doutrina cristã, S.Paulo, Paulus, 1991.

A trindade, S.Paulo, Paulus, 1995.

Comentário da 1ª carta de S. João, S.Paulo, Paulus, 1989.

Confissões, S.Paulo, Paulinas, 1984.

Boehner, P. e E. Gilson, *História da filosofia cristã*,
Petrópolis, Vozes, 1982.

Gilson, E., *A filosofia na Idade Média*,
S.Paulo, Martins Fontes, 1995.

Libera, A. de, *A filosofia medieval*,
Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

ÍNDICE REMISSIVO

.....

Ambrósio, bispo, [1](#), [2](#)

Anselmo, Santo, [1](#)

Aristóteles, [1](#), [2](#)

Averróis, [1](#), [2](#)

Boaventura, São, [1-2](#)

Boécio, [1](#); *A consolação da filosofia*, [2-3](#)

céticos, [1](#)

Cícero, [1](#)

cínicos, [1](#), [2](#)

conversão, [1](#)

Descartes, René, [1](#), [2](#)

donatistas, [1-2](#), [3](#), [4](#)

Epicuro, [1-2](#)

Erígena, João Escoto, [1-2](#)

escolástica, [1](#), [2](#), [3](#)

estoicismo, [1-2](#), [3](#)

Fausto, bispo, [1](#)

Hipona, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Justiniano, imperador, [1](#)

Kant, Immanuel, [1](#)

maniqueísmo, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

Marco Aurélio, [1](#)

Milão, [1-2](#)

Mônica, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#)

Morgan (Pelágio), [1-2](#), [3](#), [4](#)

neoplatonismo, [1-2](#), [3](#), [4](#)

Nero, imperador, [1](#)

Obras: *A cidade de Deus*, [1-2](#), [3-4](#), [5-6](#), [7](#); *Comentário da 1ª carta de S. João*, [8](#); *Confissões*, [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [15](#), [16](#), [17](#), [18](#), [19](#), [20-21](#); *Patrologia latina*, [22](#); *Sobre os benefícios do casamento*, [23](#); *Sobre o livre arbítrio*, [24](#); *Solilóquios*, [25](#), [26](#)

Patrício, [1](#), [2](#)

Paulo, São, [1](#), [2](#), [3](#)

pelagianos, [1](#), [2](#), [3](#)

Pitágoras, [1](#)

Platão, [1](#), [2](#)

platonismo, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Plotino, [1](#), [2](#), [3](#)

Scotus, Duns, [1-2](#)

Tomás de Aquino, São, [1](#), [2](#)

Valério, bispo, [1](#)

Xenófanes, [2](#)

Zenão de Cício, [1-2](#)

Notas

¹ *Dunce*, “estúpido”, “bronco”, tem pronúncia idêntica à do pronome Duns.
(N.E.)

CIENTISTAS

em 90 minutos

.....

por Paul Strathern

Arquimedes e a alavanca em 90 minutos

Bohr e a teoria quântica em 90 minutos

Crick, Watson e o DNA em 90 minutos

Curie e a radioatividade em 90 minutos

Darwin e a evolução em 90 minutos

Einstein e a relatividade em 90 minutos

Galileu e o sistema solar em 90 minutos

Hawking e os buracos negros em 90 minutos

Newton e a gravidade em 90 minutos

Oppenheimer e a bomba atômica em 90 minutos

Pitágoras e seu teorema em 90 minutos

Turing e o computador em 90 minutos

Título original:

St. Augustine in 90 minutes

Tradução autorizada da primeira edição norte-americana, publicada em 1997 por Ivan R. Dee, de Chicago, Estados Unidos

Copyright © 1997, Paul Strathern

Copyright da edição brasileira © 1999:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de São Vicente 99 - 1º andar 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel: (21) 2529-4750 / fax: (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br

www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Ana Paula Tavares

Ilustração: Lula

Edição digital: abril de 2011

ISBN: 9788537804063

Arquivo ePub produzido pela [Simplissimo Livros](#) – [Simplicissimus Book Farm](#)
